

Subversão e Resistências: As narrativas decoloniais do cinema *queer* pernambucano¹

Clarisse Beatriz Nascimento Ventura²

Daniela Nery Bracchi³

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste - UFPE/CAA

RESUMO

A pesquisa se propõe a analisar como o cinema *queer* pernambucano atua como espaço de resistência às normas coloniais de gênero e sexualidade. Adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, com base nos estudos *queer*, no pensamento decolonial e na contravisualidade. São analisados os filmes “Tatuagem”, “Casa Forte”, “A Seita”, “Kibe Lanches” e “Desyrrê”, considerando representações de corpos dissidentes, estética e relação com o território. Fundamentado em autoras e autores como Butler, Preciado, Quijano e Mirzoeff, o estudo revela que essas obras constroem contra-narrativas visuais e afirmam subjetividades dissidentes a partir das margens.

PALAVRAS-CHAVE: cinema *queer*, decolonialidade; gênero; sexualidade; Pernambuco.

INTRODUÇÃO

A produção cinematográfica brasileira, especialmente aquela realizada fora dos grandes centros do eixo Sul-Sudeste, tem revelado potentes formas de resistência cultural e política. No contexto específico pernambucano, o cinema *queer* se destaca por sua capacidade de construir uma estética própria e singular, que tensiona de forma incisiva as normas de gênero e sexualidade, além de reconfigurar a intrincada relação com o território. Essa produção cinematográfica, muitas vezes marginalizada e invisibilizada pelos circuitos tradicionais de distribuição e exibição, ganha força ao se articular com movimentos sociais e culturais que buscam a desconstrução de estereótipos e a afirmação de identidades plurais. Este estudo se propõe, portanto, a analisar as narrativas decoloniais

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Mestranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA) e bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, e-mail: clarisse.ventura@ufpe.br

³ Professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), e-mail: daniela.bracchi@ufpe.br

presentes no cinema *queer* produzido em Pernambuco, buscando compreender em profundidade como essas obras subvertem estruturas normativas cristalizadas a partir de suas linguagens, personagens e discursos visuais.

A relevância desta pesquisa reside na urgência de ampliar os horizontes teóricos e críticos sobre produções culturais que emergem das margens, tanto geográficas quanto identitárias. Ao adotar um olhar atento e sensível às práticas audiovisuais dissidentes, buscamos compreender como o cinema *queer* pernambucano desafia e subverte as estruturas coloniais de gênero e sexualidade, muitas vezes naturalizadas e invisibilizadas. O corpus é composto por cinco filmes que dialogam de forma rica e complexa com as temáticas de gênero, sexualidade e decolonialidade em contextos específicos do estado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico que sustenta esta pesquisa se ancora na articulação entre os estudos *queer* e os estudos decoloniais, compreendendo o cinema como prática discursiva multifacetada que atravessa regimes de representação e opera politicamente na produção de sentidos. Essa interseccionalidade teórica, é fundamental para uma análise mais aprofundada e crítica das produções audiovisuais em questão, considerando tanto as dimensões de gênero e sexualidade quanto às relações de poder coloniais que as atravessam de forma complexa.

No campo dos estudos *queer*, destaca-se a contribuição de Judith Butler (2018), cujo conceito de performatividade de gênero desestabiliza a própria ideia de identidade como algo fixo, inato e essencial. Como ela afirma, “o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese” (Butler, 2018, p. 186), reforçando que o que tomamos por natural é, na verdade, o resultado de normas culturais reiteradas.

O gênero, nessa perspectiva, é performado continuamente, ou seja, é construído e reiterado através de atos, discursos e práticas sociais, e, portanto, deve ser subvertido através de atos que expõem suas falhas, contradições e possibilidades de reiteração dissidente. Essa subversão pode ocorrer, por exemplo, por meio de performances que desafiam as normas de gênero dominantes e questionam a heterossexualidade compulsória, revelando seu caráter construído e não natural.

Essa compreensão teórica revela como os corpos *queer* em cena performam gênero de modo insurgente, desafiando os dispositivos normativos da heterossexualidade compulsória. Tais performances visuais são compreendidas não apenas como expressões individuais, mas como estratégias de ocupação simbólica do espaço social, reivindicando

o direito à visibilidade e à existência. Em consonância com essa perspectiva, Paul B. Preciado (2018, p. 24) defende que “na ordem contrassexual”, o corpo é uma ficção tecnopolítica, um campo de experimentação e intervenção que não se refere a nenhuma verdade natural ou biológica, mas sim a construções sociais e políticas. Essa visão desconstrói a ideia de um corpo fixo e essencializado, abrindo espaço para a compreensão das múltiplas possibilidades de expressão e vivência da sexualidade e do gênero.

Para compreender a permanência e a complexidade das estruturas coloniais no mundo contemporâneo, essa dimensão se faz presente nas formas de representar, nomear e delimitar sujeitos, saberes e territórios. Como destaca Quijano (2005, p. 122), “reprimiram [...] as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico”, evidenciando a colonialidade como um mecanismo que atua profundamente na subjetividade e na produção de sentido.

Walter Mignolo (2003), ao propor o pensamento de fronteira, reforça a necessidade de se pensar desde os lugares historicamente subalternizados, valorizando epistemologias encarnadas e situadas. Como ele afirma, “pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta” (Mignolo, 2003, p. 158), desafiando a geopolítica do conhecimento que historicamente marginalizou saberes não europeus.

Ao mobilizar essas perspectivas, entende-se o cinema *queer* como estética de resistência e produção de saberes insurgentes, pois rompe com os dispositivos de visualidade normativos e formula contra-narrativas visuais a partir de corpos e territórios historicamente silenciados.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, voltada à análise do cinema *queer* pernambucano como prática estético-política atravessada por disputas de visualidade, subjetividade e pertencimento. A base metodológica está ancorada na contravisualidade proposta por Nicholas Mirzoeff (2016), entendida como uma recusa aos modos hegemônicos de ver e representar, desafiando os dispositivos normativos que historicamente regulam quem pode olhar, ser visto e de que forma. Em articulação, mobiliza-se a perspectiva da Cultura Visual discutida por Nascimento (2011), que propõe uma postura de suspeição diante das imagens e dos sentidos já cristalizados que as acompanham.

A análise desenvolvida nesta pesquisa estrutura-se em três eixos interpretativos que dialogam com categorias analíticas consolidadas nos campos dos estudos culturais, *queer* e decoloniais. O primeiro, voltado às representações de gênero e sexualidade, fundamenta-se na noção de performatividade de gênero (Butler, 2018) e na crítica à heterossexualidade compulsória (Rich, 2012). O segundo eixo aborda os recursos estéticos como formas de dissidência simbólica, ancorando-se na estética da resistência (Halberstam, 2020) e na Cultura Visual (Nascimento, 2011). Já o terceiro eixo trata da relação entre identidade e território, com base nos aportes do pensamento decolonial (Mignolo, 2003; Quijano, 2005).

O corpus selecionado abrange cinco produções cinematográficas realizadas em Pernambuco: “Tatuagem” (2013), “Casa Forte” (2014), “A Seita” (2015), “Kibe Lanches” (2017) e “*Desyrrê*” (2018). Esses filmes integram uma amostra recortada a partir de um levantamento inicial de obras produzidas entre 2014 e 2024, totalizando um conjunto mais amplo de cerca de 20 produções de caráter *queer* e/ou periférico, realizadas no estado. O critério de recorte geográfico foi central: consideraram-se apenas filmes produzidos em Pernambuco, com participação significativa de coletivos, artistas ou produtoras locais, o que evidencia um vínculo com o território e com as práticas culturais do estado.

A seleção final dos cinco títulos baseou-se em sua relevância temática, por abordarem, de forma crítica e criativa, questões relacionadas à dissidência de gênero, sexualidade e colonialidade, na expressividade estética das obras e na sua circulação em ambientes alternativos e independentes, como mostras locais, festivais de cinema *queer* e redes comunitárias de exibição. Ao privilegiar essa amostra, busca-se não apenas mapear práticas audiovisuais insurgentes no campo da comunicação, mas também compreender como tais produções elaboram formas próprias de resistência simbólica e epistêmica.

Cada obra será analisada individualmente com fichamentos descritivo-interpretativos, unindo técnica e simbologia. Como base, usa-se Aumont e Marie (2004) para entender como a linguagem cinematográfica constrói sentidos. Atualmente, a pesquisa está em fase de análise, e os primeiros resultados indicam estratégias recorrentes de resistência visual e discursiva nos filmes estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pesquisa em andamento, este estudo tem revelado contribuições significativas para o entendimento das relações entre cinema, dissidência e visualidade a partir de uma perspectiva decolonial e *queer*. A análise preliminar do corpus fílmico tem permitido observar como essas obras mobilizam linguagens audiovisuais para tensionar os dispositivos normativos do ver e do representar, promovendo estéticas de resistência que desestabilizam os regimes hegemônicos de sentido.

As produções analisadas demonstram um engajamento em desafiar as normas de gênero e sexualidade, apresentando corpos dissidentes de forma complexa e rompendo com estereótipos. A pesquisa também evidencia a centralidade do território nas narrativas, mostrando como o cinema *queer* pernambucano ressignifica espaços. Embora o estudo ainda esteja em desenvolvimento, os resultados iniciais destacam a relevância desse cinema como campo de conhecimento e resistência política. Apoiando-se em teóricos como Butler, Preciado, Quijano, Mignolo e Mirzoeff, a pesquisa o compreende não apenas como expressão artística, mas como prática política e epistêmica.

Ao privilegiar produções marginais e periféricas, o estudo busca dar visibilidade a narrativas que reivindicam o direito de existir, olhar e ser olhado desde posições dissidentes. Os próximos passos da pesquisa concentram-se no aprofundamento das análises de cada obra, com foco na articulação corpo, subjetividade e território, buscando refinar a compreensão das estratégias de subversão e resistência mobilizadas pelo cinema *queer* pernambucano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J.; MARIE, M. **Análise do filme**. Campinas: Papirus, 2004.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HALBERSTAM, J. **A arte *queer* do fracasso**. Tradução de Heci Regina Candiani. Recife: CEPE Editora, 2020.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Eliana Lorenzetti. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016. DOI: 10.20396/etd.v18i4.8646472. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 25 abr. 2025.

NASCIMENTO, E. A. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 209- 226.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 25 abr. 2025.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A SEITA. Direção: André Antônio. Produção: Dora Amorim. Recife: Surto & Deslumbramento, 2015. (70min), Disponível em: <http://deslumbramento.com/?i=1>. Acesso em: 25 abr. 2025.

CASA Forte. Direção: Rodrigo Almeida. Produção: Rodrigo Almeida. Fotografia de Chico Lacerda. Recife: Surto & Deslumbramento, 2014. (11min), Disponível em: <http://deslumbramento.com/?i=1>. Acesso em: 25 abr. 2025.

DESYRRÊ. Direção: Coletiva. Produção: Ana Maria, Kilton Marque, Joelma Pereira, Victor Douglas. Triunfo: Marlom Meirelles, 2018. (13min) Disponível em: <https://cinecaatinga.com.br/filmes/desyrrre/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

KIBE Lanches. Direção: Alexandre Figueirôa. Produção: Alexandre Figueirôa, Cristiano Artur da Silva. Recife: Surto & Deslumbramento, 2017. (18min), Disponível em: <http://deslumbramento.com/?i=1>. Acesso em: 25 abr. 2025.

TATUAGEM. Direção: Hilton Lacerda. Produção: Rec Produtores Associados Ltda. Brasil: IMOVISION, 2013. (110min)